

# QUESTÕES RELATIVAS SOBRE A ABSTRAÇÃO EM TOMÁS DE AQUINO

**Brenda Oliveira do Espírito Santo<sup>1</sup>; Antonio Janunzi Neto<sup>2</sup>**

**1: Bolsista PIBIC, Graduanda do Bacharelado em Filosofia.**

**Universidade Estadual em Feira de Santana, e-mail: [brenda.oliveira.fsa@hotmail.com](mailto:brenda.oliveira.fsa@hotmail.com)**

**2: Orientador: Mes. Antonio Janunzi Neto, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia,  
Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [anttonyus@yahoo.com.br](mailto:anttonyus@yahoo.com.br)**

**PALAVRAS-CHAVE: Tomás de Aquino, Abstração, Substância Composta.**

## INTRODUÇÃO

O presente texto tem como objetivo apresentar os resultados na pesquisa QUESTÕES RELATIVAS SOBRE A ABSTRAÇÃO EM TOMÁS DE AQUINO. Nessa pesquisa buscamos em um primeiro momento tentar compreender em que está fundamentado o problema dos Universais, tendo como objetivo compreender o paradoxo que o problema sugeri. Em um segundo momento podemos revisar as teses de Tomás de Aquino que sustentam que a abstração como solução as questões que fundamentam o problema dos universais, bem como dialogar com os comentadores. E por fim, podemos mediante o que foi revisado apresentar a estrutura do conhecimento intelectual segundo a teoria tomista de abstração.

Na trajetória da pesquisa e ainda investigando a teoria de abstração avaliamos seu opúsculo *O Ente e a Essência* e sua relação com o tema. Nessa obra Tomás de Aquino esclarece conceitos fundamentais a respeito da essência dos entes. Segundo o autor a essência das substâncias compostas tem um princípio que responde pela natureza individual dos singulares e outra que assinala o que comum dos indivíduos. Nesse sentido a matéria é colocada como o princípio que individua os singulares, enquanto a forma é vista como aquilo que corresponde ao que é comum. Assim, diante da natureza dos singulares, o ato do intelecto que consiste em conhecer a natureza dos objetos que lhe estão antepostos é, em suma, a desconsideração do princípio material, isto é, a matéria podendo desta maneira considerar aquilo que corresponde ao que é comum a muitos.

Na questão 85 da *Suma Teológica* o autor retoma a noção de abstração como um ato intelectual responsável por abstraía dos sensíveis aquilo que corresponde a natureza comum. Nesse sentido, a abstração se coloca como uma condição necessária para que a natureza dos singulares seja conhecida pelo intelecto, tendo em vista que a natureza do intelecto se coloca distinta da natureza dos singulares ou seja, para que o intelecto apreenda a natureza dos objetos lhe estão antepostos é necessário admitir uma abstração que resolva a diferença entre a natureza do intelecto (imaterial) em relação a natureza dos singulares (material). .

## **MATERIAL, MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)**

A metodologia escolhida para essa pesquisa foi de cunho bibliográfico. Nessa pesquisa nos servimos das principais obras de Tomás de Aquino e de filósofos anteriores ao aquinate que nos ajudaram a pensar no problema em questão. Nesse texto foram utilizados comentadores. Apenas material impresso de Tomás de Aquino. Todas as obras referidas na bibliografia foram minuciosamente lidas e discutidas. Quanto as obras citadas nessa introdução foi realizado fichamento, resumo e discussão com o orientador.

## **RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO ( Ou Análise discussão dos resultados)**

Dentre os resultados alcançados por este estudo, podemos apontar que a abstração pode ser compreendida em linhas gerais como um ato do intelecto que a partir das espécie sensível - resultado do processo do conhecimento sensível - desconsidera o princípio de individuação abstraindo a quiddidade de suas condições materiais, ou seja, o intelecto não se volta para os singulares em sua natureza individual, mas é a partir da relação entre sentidos e intelecto que a abstração se coloca de modo que é sobre as espécies inteligíveis que a quiddidade é abstraída, isto é, que os universais são formulados. Ora, o que se pretende sustentar é que a produção dos universais não se trata de um conhecimento arbitrário do intelecto que se volta para os singulares e que conhece sua natureza diretamente, tampouco admitir que os universais não têm fundamento nos singulares. Assim, quando consideramos a estrutura em que a abstração obedece e está inserida compreendemos em que medida é necessário admitir uma teoria abstrativa que possibilite ao intelecto

Nesse sentido, a abstração se coloca como o meio pelo qual os universais são formulados, bem como a natureza dos singulares é apreendida pelo intelecto. A necessidade de admitir um processo abstrativo justifica-se primeiramente pela passividade do intelecto possível em conhecer seu objeto próprio, ou seja, como o objeto próprio do intelecto está para ele em potência, a abstração é vista nesse contexto como o meio pelo qual as potencias cognitivas se atualizam. Está necessidade - a de admitir uma teoria abstrativa - se coloca também quando levamos em consideração as naturezas distintas entre intelecto e os objetos extra mentais. Tendo em vista que se o intelecto conhece algo diferente de sua natureza este está em erro e nesse caso a formulação dos universais representaria um ato arbitrário do intelecto a respeito da natureza dos singulares. A diferença entre as naturezas em questão se expressa pelo fato dos singulares serem substancias compostas, isto é, como afirmamos anteriormente, a essência dos singulares é expressa por dois princípios: um que responde aos seus aspectos formais e outro que expressa e determina a forma de cada singular, ou seja, a matéria assinalada é responsável por expressar a singularidade. Quanto a isso, Tomás de Aquino Afirma:

Portanto, que a noção de espécie advenha à natureza humana de acordo com aquele ser que tem no intelecto. De fato, a própria natureza humana tem no intelecto um ser abstraído de tudo que individua e, assim, tem uma noção uniforme para com todos os indivíduos que há fora da alma, na medida em que igualmente

semelhança de todos e leva ao conhecimento de todos na medida em que são homens.<sup>1</sup>

Em seu artigo, *Linguagem e Verdade na Filosofia Medieval*, Marco Aurélio em comentário à obra *O ente e a essência* acrescenta que a matéria assinalada é o princípio que nas substâncias compostas exprime a essência individual dos singulares. Dito de outro modo, quando consideramos os singulares como numericamente distintos uns dos outros, o que está em jogo é que para isto é necessário que a matéria assinalada seja considerada como princípio constituinte da essência dos singulares. Por outro lado, quando o intelecto por abstração deixa de lado o princípio que responde pela natureza individual e considera a matéria comum, isto é, a matéria não assinalada, o que se tem por resultado deste processo é a natureza individual considerada em sua forma absoluta, ou seja, a matéria comum é o princípio em que a essência absolutamente considerada é constituída [confuso]. Logo, podemos afirmar que a natureza comum consiste apenas em essências específicas, não consiste em essências individuais e essa distinção se dá na medida em que um dos princípios é considerado.

## CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que, a abstração se coloca como o meio pelo qual os universais são formulados, bem como a natureza dos singulares é apreendida pelo intelecto. A necessidade de admitir um processo abstrativo justifica-se primeiramente pela passividade do intelecto possível em conhecer seu objeto próprio, ou seja, como o objeto próprio do intelecto está para ele em potência, a abstração é vista nesse contexto como o meio pelo qual as potências cognitivas se atualizam. Esta necessidade - a de admitir uma teoria abstrativa - se coloca também quando levamos em consideração as naturezas distintas entre intelecto e os objetos extra mentais. Tendo em vista que se o intelecto conhece algo diferente de sua natureza este está em erro e nesse caso a formulação dos universais representaria um ato arbitrário do intelecto a respeito da natureza dos singulares. A diferença entre as naturezas em questão se expressa pelo fato dos singulares serem substâncias compostas, isto é, como afirmamos anteriormente, a essência dos singulares é expressa por dois princípios: um que responde aos seus aspectos formais e outro que expressa e determina a forma de cada singular, ou seja, a matéria assinalada é responsável por expressar a singularidade.

Por fim, concluímos que os universais têm sua fundamentação nos singulares, mais especificamente de como a teoria tomista de abstração responde às questões propostas por Porfírio na *Isagoge*, atentando especificamente para a o paradoxo que se formula ao compreender que os universais têm sua fundamentação nos singulares, dito que ambos possuem natureza distinta, fica, assim, claro que a formulação dos universais é possível devido ao ato intelectual e por ter sua fundamentação nos singulares. Sendo assim, a predicação é algo que se completa pela ação do intelecto que compõe e divide, tendo fundamento na própria coisa, a unidade daqueles dos quais um é dito de outro. Desta maneira, pode-se concluir que a teoria abstrativa de Tomás de Aquino é uma condição necessária para a formulação dos universais, tendo em vista que o mesmo possibilita a relação entre a coisa material, tendo em sua natureza um princípio de individuação e que por consequência não é passivo de ser conhecida, e o intelecto

---

<sup>1</sup> AQUINO, Tomás de. **O Ente e a Essência**. trad. Carlos Arthur do Nascimento. Ed. *Vozes de Bolso*. 2013. p.33.

totalmente imaterial. Sendo assim, a abstração torna possível que a relação das naturezas distintas tendo por consequência a formulação dos universais.

### **BIBLIOGRAFIA:**

AQUINO, Tomás. **Suma Teológica**. Tradução de Aldo Vannuchi et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. I e II.

\_\_\_\_\_. **Suma Teológica**. Tradução de Carlos Arthur do nascimento, EDUFU, 2006. v. I. 1ª, q.84, a.7.

\_\_\_\_\_. **O Ente e a Essência**. Tradução de Carlos Arthur R. do Nascimento. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **QUESTÕES DISPUTADAS SOBRE A ALMA**. Tradução de Luiz Astorga. São Paulo: Realizações, 2014.

TIRO de. Porfirio. **ISAGOGE**. Tradução de Bento Silva Santos. São Paulo: Attar, 2002.

ZINGANO, Marco. Forma, Matéria e Definição na Metafísica de Aristóteles. In: **Cadernos de História da Filosofia e Ciência**. São Paulo, Série 3, n.2, p 277-299, jul-dez, 2003.

AURÉLIO, Marco. Linguagem e Verdade na Filosofia Medieval. Salvador: **Quarteto**. Salvador, 2013.208 p.

AURÉLIO, Marco. Tomás de Aquino e Caetano. Ainda a Teoria da Abstração. **ANALYTICA**, Rio de Janeiro, vol 15 nº 1, 2011, p. 173-204.

LAZARINI, Richard. A importância da quiddidade segundo a teoria do conhecimento de Tomás de Aquino. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~semppgfil/wp-content/uploads/2012/05/32-Richard-Lazarini.pdf>. *Anais do seminário dos estudantes de pós-graduação em filosofia da UFSCar*. São Paulo: 10.Ed, 2014.